

Seminário Islamofobia:

um debate necessário

Danielle Bastos Lopes

Grupo de Pesquisa Estudos Ameríndios
e Fronteiras (GEAF- CNPq)

Organização Geral



TERRIED

SEMINÁRIO ISLAMOFOBIA: UM DEBATE NECESSÁRIO

*1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras
Direitos de Edição Reservados à Editora Terried
É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.*



Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski

Anísio Batista Pereira

Adilson Tadeu Basquerote Silva

Alexandre Carvalho de Andrade

Cristiano Cunha Costa

Celso Gabatz

Denise Santos Da Cruz

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó

Fernanda Monteiro Barreto Camargo

Fredi dos Santos Bento

Fabiano Custódio de Oliveira

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos

Leandro Antônio dos Santos

Lourenço Resende da Costa

Marcos Pereira dos Santos

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

Seminário Islamofobia (12 : 2022 : Rio de Janeiro, RJ - online)

Seminário Islamofobia [livro eletrônico] : um debate necessário / [organização Danielle Bastos Lopes]. -- 1. ed. - Alegrete. Editora Terried; GEAF-CNPq, 2022.

PDF.

"Realização Grupo de Pesquisa Estudos Ameríndios e Fronteiras - GEAF - CNPq e Projeto de Extensão Educação Descolonizadora".

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-59782-0

1. Educação 2. Diferença 3. Diversidadedereligiosa 4. Islamismo 5. Islamismo - História
I. Bastos Lopes, Danielle. II. Título.

23-140799

CDD-306.697

Índices para catálogo sistemático:

1. Islamismo : Aspectos sócio-culturais : Sociologia 306.697

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



10.48209/978-65-00-59782-0



SEMINÁRIO ISLAMOFOBIA: UM DEBATE NECESSÁRIO

Realização



Apoio



COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Geral:

Drª Danielle Bastos Lopes

Organização:

Brenda de Oliveira de Lima

Felipe Coutinho dos Santos

Stefany Terra

Thalia Ribeiro Araujo

Vanessa Silva Rodrigues

COMISSÃO CIENTÍFICA

Drª Amanda Motta Castro - Universidade Federal do Rio Grande

Dr Héctor Muñoz Cruz - Universidad Autónoma Metropolitana

Dr Hugo Camilo Heleno Costa - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dr José Ribamar Bessa Freire - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dr Leonardo Ferreira Peixoto - Universidade do Estado do Amazonas

Dr Leonardo Freire Marino - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Drª Maria Cecilia Zsögön - Universidad de Buenos Aires

Dr Rafael Bastos Costa de Oliveira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Realização: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Grupo de Pesquisa Estudos Ameríndios e Fronteiras - GEAF – CNPq e

Projeto de Extensão Educação Descolonizadora

Parceria: Universidade Federal do Rio Grande

Programa de Pós-Graduação em Educação

Grupo Lélia Gonzalez - PPGEDU - FURG

SEMINÁRIO

ISLAMOFOBIA:

UM DEBATE NECESSÁRIO

Vivemos tempos profundamente estranhos, como diria Latour ([1991] 2013), retraçamos a história da “razão ocidental” construída em uma prática embriagada na sua concepção de tempo, espaço e território. Tal invenção e até depuração de uma razão de cultura, a que chamamos de modernidade é o novo iconoclasta do pensamento Ocidental. Trata-se de uma invenção depurada da modernidade associada à constatação de que “jamais fomos modernos” (LATOURE, 2013), até aqueles que se crêem mais colonizadores. Para este autor, fomos construídos em uma linearidade entre o eu e o outro, inventando nossos exóticos, nossos fundamentalismos, nossos aldeados e, finalmente, a cisão escrutina e artificial entre Cultura e Natureza.

Como bem explicitou Karime Cheaito em sua palestra de abertura neste seminário, o termo Islamofobia é uma fumaça nebulosa no ambiente acadêmico. A discriminação, sobretudo de mulheres islâmicas ao uso do *hijab* em passeatas, mercados é constantemente interrogada (RODRIGUEZ, 2021). Existe uma narrativa colonial que coloca tais mulheres como submissas e vítimas de sua própria agência religiosa. De acordo com a autora palestina Venna Das (2011), desse testemunho decorre “um tipo particular de subjetividade às mulheres enquanto vítimas de estupro e rapto, quando suas posições de sujeito e subjetividade, embora atoladas nessas construções, não foram completamente determinadas por elas” (DAS, 2011, p. 11).

As teorias dos estudos pós-coloniais, difusas entre os anos 1960 – 1970 pelo autor Edward Said ([1978] 2011) tem induzido novos paradigmas frente ao conhecimento científico. Appadurai (2013), Bhabha (1994, 2013), Venna Das (2011) e demais autores fontes dos estudos pós-coloniais criticam conceitos majoritariamente europeus no ensino sobre sociedades do Ocidente. Nesse efeito, o pensamento pós-colonial amplia uma miríade de autores e mundos até então pouco conhecidos ou estudados quase que exclusivamente a partir da tradução dos textos ocidentais.

A importância deste seminário justifica-se assim, pela troca entre os palestrantes no que diz respeito à formação de professores na Educação Básica e universitária com o foco no debate do Oriente Médio (BEN JELLOUN, 2011; BASTOS LOPES, 2019). A intenção é que as atividades orientem a produção de sentidos menos orientalistas. No sentido mesmo problematizado por Said ([1978] 2011), ainda nos idos dos anos 1970, ao colocar que o Ocidente inventa a sua razão ocidental moderna para o Oriente.

Boa leitura! Nestes anais você leitor terá acesso à transcrição das palestras na íntegra.

ISLAMOFOBIA: UM DEBATE NECESSÁRIO

Este Seminário tem o objetivo de reunir aspectos da religiosidade que sobressaem na grande mídia a respeito do mundo Árabe Islâmico. Aspectos estes, particularmente evidenciados pela Copa do Mundo de 2022 em Qatar, no Oriente Médio. Nesse intuito, o Seminário, ISLAMOFOBIA: UM DEBATE NECESSÁRIO, realizado pelo Grupo de Pesquisa Estudos Ameríndios e Fronteiras (GEAF-CNPq) com o objetivo de problematizar estereótipos étnicos e aliados da cultura islâmica, cria este evento com a transcrição das palestrantes, tanto quanto dos mediadores na íntegra. Desejamos uma boa leitura!

Salaam Aleikum - السلام عليكم

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, A. **The future as cultural fact**: essays on the global condition. London: Verso, 2013.
- BASTOS LOPES, D. O direito de estudar o indígena: sedução, estranhamentos e diferença em salas de aula. **Cadernos CEDES** (UNICAMP), Campinas, v. 39, n. 109, p. 277- 296, 2019.
- BEN JELLOUN, T. **O islamismo explicado às crianças**. São Paulo: Unesp, 2011.
- BHABHA, H. K. **Nuevas minorías, nuevos derechos**: notas sobre cosmopolitismos vernáculos. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013.
- BHABHA, H. K. **The location of culture**. London/New York: Routledge, 1994.
- DAS, V. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 37, p. 9-41, 2011.
- LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Ed. 34, [1991] 2013.
- RODRÍGUEZ, P. G. Desafíos y oportunidades del sistema educativo ante la inmigración y la diversidad cultural. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v. 3, n. 23, p. 626- 640, 2021.
- SAID, E. W. **Orientalismo**: o Ocidente como invenção do Oriente. São Paulo: Companhias das Letras, [1978] 2011.

CICLO DE PALESTRAS

SEMINÁRIO ISLAMOFOBIA: UM DEBATE NECESSÁRIO

Palestra I

Mediador: Felipe Coutinho

Palestrante: Karime Cheaito

Palestra II

Mediadora: Vanessa Silva

Palestrante: Zainab Chokr

Palestra III

Mediadora: Vanessa Silva

Palestrante: Mariam Baydoun

SUMÁRIO

PALESTRA 1

CICLO DE PALESTRA ISLAMOFOBIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.....	11
---	-----------

PALESTRANTE: Karime Cheaito

DEBATEDOR: Felipe Coutinho

PALESTRA 2

CICLO DE PALESTRA ISLAMOFOBIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.....	22
---	-----------

PALESTRANTE: Zainab Chokr

DEBATEDOR: Vanessa Rodrigues

PALESTRA 3

CICLO DE PALESTRA ISLAMOFOBIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.....	32
---	-----------

PALESTRANTE: Mariam Baydoun

DEBATEDORA: Vanessa Rodrigues

PALESTRA 1

CICLO DE PALESTRA ISLAMOFOBIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

PALESTRANTE: Karime Cheaito

DEBATEDOR: Felipe Coutinho
Bolsista de Iniciação Científica GEAF - CNPq

Felipe Coutinho: Em uma época de Copa do Mundo no Qatar, naturalmente o interesse sobre a cultura árabe aumenta consideravelmente. Alguns têm a sorte de acompanhar o conteúdo, mas a mensagem que chega para a maior parte da sociedade é o que se rotula pela grande mídia. Não sendo restrito à Copa, mas desde os conflitos Israel, Palestina, eles contam uma narrativa replicada, uma narrativa que tem certos fins. A pergunta que fazemos é: como avalia o discurso da mídia na Copa, e antes disso, a visão dos países árabes? Quais seriam as principais agendas dos países árabes para refutar o preconceito?

Karime Cheaito: Eu sou uma pessoa que gosta de futebol. Por isso, desde que foi anunciado que a Copa seria em Qatar, já esperava que duas coisas fossem ocorrer, como era previsível para qualquer pessoa que pesquise sobre Orientalismo: um discurso estigmatizado, inicialmente, mas uma grande oportunidade de sediar o primeiro país árabe, o primeiro país do Oriente Médio, a sediar uma Copa. Atualmente nós temos o Marrocos jogando na semifinal. Além de ser a primeira vez que um país africano e árabe chega a uma semifinal.

Nesse sentido, acredito que essas duas questões trouxeram visibilidades importantes; e por que eu acredito nisso? Porque, como eu mencionei desde o início, eu já imaginava que a grande imprensa, os meios de produção de massa e o grande canal midiático dariam um enfoque orientalista. Quando eu falo orientalista, estou querendo dizer que o orientalismo é um conceito criado, desenvolvido pelo Edward Said (2007)¹, um pesquisador palestino, no qual diz que: o Oriente tal qual o Ocidente retrata, é uma criação ocidental. Ele busca demonstrar como o Oriente, especificamente o Oriente Médio, é reproduzido no imaginário ocidental pelo próprio Ocidente. Então, não seria o Oriente por si. É o Oriente a partir de uma perspectiva, a partir de uma visão política, criada pelo Ocidente.

Já esperávamos que isso fosse acontecer, acompanhamos, e foi de fato o que aconteceu, principalmente nos meses e semanas que antecederam o início da Copa, tivemos grandes temas, que inclusive no “Desorientar-se”².

1 SAID, E. W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

2 Rede social do instagram, @desorientar-se, ministrada pela entrevistada como divulgação científica sobre cultura árabe e islâmica

debateremos há muito tempo, grandes pautas como: a violação dos Direitos Humanos no Qatar, a questão LGBTQIA + nos países árabes de uma forma geral, mais especificamente, no Qatar. Tais pontos começaram a aparecer na Grande Mídia. Eu digo até que houve um hiperfoco sobre tais questões, com diversos países incentivando o boicote à Copa, principalmente, por conta desses dois fatores. Tendo a questão do gênero como destaque.

Felipe: Considera um problema falar sobre isso?

Karime Cheaito: Não acho um problema. O problemático diz respeito a como as grandes mídias abordaram o tema, com uma leitura enviesada e estereotipada. Em um primeiro momento, ocorreram algumas “*Fake News*”, no sentido de que as mulheres não poderiam frequentar os estádios.

A reprodução de algumas placas contra as famílias LGBTQIA +, que não eram do Qatar, mas que estavam sendo reproduzidas como se fossem no país. Diversas “*Fake News*” começaram nos meses que antecederam a Copa. Como eu disse, um hiperfoco sobre a violação dos Direitos Humanos foi propagado. Eu estou negando que isso aconteça? Não, inclusive é algo que reforçamos já há algum tempo, os problemas que ocorrem.

O sistema de trabalho que se chama *kafala* é um sistema de trabalho que existe naqueles países, nas monarquias do Golfo. É um sistema de exploração da mão de obra. No entanto, quando destaco como isso foi propagado, é uma forma orientalista, porque precisamos considerar que essa exploração de trabalho, na verdade, faz parte dos grandes eventos no mundo inteiro.

Não foi uma exclusividade do Qatar a exploração da mão de obra nas construções de estádios. Aconteceu no Brasil, ocorreu em todos os grandes eventos, considerando as olimpíadas e a Copa, por exemplo. Em todos esses países houve violações de Direitos Humanos e exploração de mão de obra, porque tal fato faz parte do próprio sistema capitalista de exploração. Portanto, o hiperfoco acabou estigmatizando e estereotipando mais profundamente o país.

Como assinalava, penso que é o modo de reforçar “o eu e o outro”, o “nós e o outro”, no sentido de que o outro é tudo de negativo que eu não sou, como se essas questões acontecessem exclusivamente no Qatar.

Se pensarmos nos brasileiros que estavam se mobilizando em relação à comunidade LGBTQIA +, não podemos desconsiderar que o Brasil é o país com maior número de mortes nesta população, em específico. É sempre esse olhar do outro ser ruim, avesso, sobre o que não sou. É formar uma identidade a partir do outro, e tal fato é próprio do que o orientalismo produz. Quando os europeus fazem esse processo de construção do Oriente no século XIX e XX, origina-se do discurso de superioridade, de se apresentar uma superioridade cultural e civilizacional em relação ao Oriente. E tal discurso na Copa, veio reforçado, foi representado novamente.

Considero que devemos, sim, falar sobre os problemas de violação dos Direitos Humanos. Precisamos debater as dificuldades de distintas comunidades LGBTQIA + em diversos países do mundo. Problemas que, na realidade, são muito mais próximos do que temos, do que problemas diferentes.

Então, na segunda parte da sua pergunta, como refutar tal ideia, eu trago o outro lado da moeda: a importância da Copa realizada no Qatar e o Marrocos na semifinal. Considero que pelo menos alguns dos estigmas, tanto de pessoas que estavam presencialmente, quanto as que assistiram nas redes sociais, estão vendo mulheres em estádios e não só em estádios, mas mulheres trabalhando na Copa, mulheres de *hijab*, muçulmanas, fazendo embaixadinhas nas ruas, há celebrações e festas árabes.

Fizemos uma postagem de determinada competição de dança que estava ocorrendo entre brasileiros e árabes e uma seguidora comentou em sentido irônico: “parece até que os árabes são gente como a gente”, que celebram, têm dança, têm cultura, se desenvolvem culturalmente. Portanto, considero que houve um olhar no sentido de entender a realidade.

É um país com problemas? É um país com desafios, com certeza, mas é um país que não vive na barbárie e na incivilidade como muitas vezes é retratado. Houveram esses dois pontos, e o fato de termos, enfim, a Copa no Qatar e o Marrocos jogando numa semifinal, fez com que as pessoas procurassem conhecer, se aprofundar; isto é sempre um bom ponto. Naturalmente, é uma maneira de conseguirmos romper com um ou com vários dos estigmas e estereótipos negativos.

Felipe: Você menciona um ponto relevante, as pessoas estão procurando conhecer, um termo que cresce nos sites de busca é, Islamofobia. O que o termo islamofobia significa para você?

Karime: O termo islamofobia é um termo academicamente nebuloso, vamos pensar assim, porque se pensarmos a própria estrutura do termo “fobia”, que significa medo, o termo é diferente de um medo de escuro. É distinto de um medo animal. É um medo que é o medo do desconhecido. A islamofobia ganhou tal nome muito recentemente. Apesar de não ser um fenômeno novo, ele ganhou essa denominação, assim como o próprio termo xenofobia que antes era considerado um tipo de racismo, um preconceito e que depois adquiriu especificidade. A islamofobia vem, portanto, nesse processo de construção do conceito.

E como eu entendo? São as práticas de violência, sejam violências físicas ou psicológicas, até em formas indiretas de sanções e, enfim, contra homens e mulheres muçulmanos. A professora Francirosy, inclusive, recomendo que acompanhem a página dela, ela é professora da USP e desenvolve pesquisa demonstrando como as mulheres muçulmanas são as maiores vítimas de islamofobia, porque envolve a questão da própria vestimenta. Logo, as mulheres muçulmanas que usam o *hijab* lembrando que não são todas que usam, elas são as maiores vítimas da islamofobia. Entendo a islamofobia a partir desse medo do desconhecido, medo do outro.

Trazendo para o que pesquiso atualmente no mestrado, o que acaba envolvendo a racialização do outro, principalmente dos muçulmanos que vivem em sociedades ocidentais ou do Norte Global, enfim, como preferirem chamar. São discursos novos, mas não tão novos, como me referi anteriormente.

A construção do muçulmano enquanto inimigo existencial, basicamente, origina-se mais profundamente na década de 1990, se intensifica nas mídias nessa década. Em minha pesquisa de mestrado, como eu entendo tal processo? Temos o fim da Guerra Fria e com fim da Guerra Fria, o fim da União Soviética, os Estados Unidos perde o inimigo que tinha naquele momento e a criação de um inimigo é fundamental para a própria economia norte-americana, a qual é fundamentada na agenda de segurança nacional do país. Temos toda uma indústria bélica que abrange a estrutura econômica dos Estados Unidos.

Nesse sentido, ter um inimigo é fundamental, existe uma discussão quando há o pós-guerra fria e o fim da União Soviética, “quem seria o inimigo da vez dos Estados Unidos”. Devido a uma série de acontecimentos, temos o atentado às Torres Gêmeas em 1993, um primeiro atentado. A Guerra do Golfo, no início dos anos 1990, uma série de questões que estão sendo discutidas e que acontecem nos Estados Unidos nesse período. A perseguição aos muçulmanos e a criação da imagem, desse estereótipo, começa a se construir de forma cada vez mais consolidada.

Portanto, muitas pessoas concebem o 11 de setembro como o início da islamofobia, mas entendo que é um processo anterior. Você não cria um inimigo do nada. Não cria um medo do nada. Ele é fruto de um processo dialético e histórico que acontece, o qual se tem a “cereja do bolo” no terrível atentado do 11 de setembro, quando se consolida tal imagem, portanto, é literalmente uma imagem, um fenótipo.

É o fenótipo do muçulmano, do árabe, que passa a ser estigmatizado. Desta forma temos um vínculo da criação do que alguns autores denominam, “novo terrorismo”. Eu sou uma das críticas desse conceito, mas é um conceito utilizado principalmente pelas teorias tradicionais, terrorismo religioso e especificamente islâmico. É um conjunto de fatores. Temos a teoria, a esfera econômica e a política de forma articulada, consolidando a islamofobia nas sociedades ocidentais.

A criação do medo e a questão do estereótipo é uma questão muito importante para mim, pessoalmente, profissionalmente. Nós temos o caso da prisão de Guantánamo, que prende suspeitos por terrorismo, e quando observamos esses suspeitos de terrorismo, eles possuem um estereótipo e um fenótipo específico: são muçulmanos, são árabes. Muito desse discurso inclusive que ocorreu de boicote, voltando para a primeira questão, sobre a Copa: será que as pessoas boicotariam se fosse a violação dos Direitos Humanos em um país europeu? Não há discussão.

A próxima Copa será nos Estados Unidos, um dos maiores estados violadores dos Direitos Humanos, e tenho certeza que os países do Norte Global não irão boicotar a Copa como fizeram no Qatar. Eu acredito que tal discurso, a questão dos Direitos Humanos, quando pensamos no próprio desenvolvimento desses direitos, é algo facilmente instrumentalizado e que se tem como

pano de fundo, exatamente, diversas xenofobias e islamofobias. Novamente no sentido de reforçar uma superioridade cristã, moral. O medo do desconhecido passa a fazer com que esse desconhecido seja compreendido. No Brasil nós não temos uma população cuja grande maioria seja muçulmana, mas percebemos que há o reforço dos discursos sobre “terroristas”, “homens bombas”, diversas violações por parte de pessoas que mal conhecem o Islã.

Trazendo para a proposta do projeto, Educação Descolonizadora, é muito importante dentro das escolas desde o princípio, trabalhar o orientalismo, entender que a visão que recebemos sobre o Oriente é uma visão politicamente enviesada. O que entendemos como Islã é uma criação ocidental que na maioria das vezes não corresponde à realidade. Entendo que a escola é um lugar essencial, de base, para trabalharmos sobre a própria visão de mundo, porque a instituição é o momento em que a criança está entendendo o processo dela enquanto visão de sociedade. Dentro da Sociologia, eu como socióloga, tive a oportunidade de ministrar algumas aulas sobre orientalismo e é muito interessante, como conseguimos trazer um conceito que é um conceito complexo, mas com muitos exemplos, percebe-se que os próprios alunos, por si, começam a trazer outros exemplos a partir do momento em que entendem que a visão de mundo é moldada. Entendo que é possível combater a islamofobia e outros tipos de preconceitos que permeiam a nossa sociedade, e a escola se consolida como um lugar fundamental para tal trabalho desde a infância.

Felipe: Como muito bem colocou, a islamofobia é o medo de algo que não se conhece, o medo do desconhecido, e não há maneira melhor de elucidar que com pesquisas, principalmente na escola. No Brasil, de forma geral, é recorrente os colégios europeus; franceses, espanhóis e italianos. Aqui em Niterói, existe uma escola pública chinesa e outra francesa. É raro um colégio de um país árabe e quando existe há um valor elevado, o que termina, infelizmente, ficando inacessível para maioria da população. Como fazer para continuar os estudos sobre Islamismo dentro da comunidade, seguindo o *Dīn* e a importância do *halaqah* para a educação da comunidade, para se evitar certas desvirtuações?

Karime: Este é um ponto essencial. Para mim, um assunto caro, pois eu vivo no interior de São Paulo. Eu, particularmente, nunca tive contato próximo

com a comunidade árabe, a comunidade islâmica. No Brasil, acabam ficando concentradas na capital de São Paulo, quanto em Foz do Iguaçu, a qual sedia uma comunidade libanesa extensa. Estou me referindo à comunidade libanesa que é a comunidade que meu pai pertence, a comunidade que pertenço. Logo, a questão do ensino, por exemplo, para mim era uma questão que durante a infância, adolescência era difícil de entender a mistura cultural, identitária que eu vivia. Para quem é a primeira geração, vivemos em uma linha muito tênue identitária e cultural, neste caso, religiosa também.

Eu sentia falta de ter contato com outras pessoas que vivessem a mesma realidade do que eu. Nesse processo, conhecer a Aysha, conhecer outras meninas descendentes como a Mariam Melhem, recomendo a sua página, somos as primeiras gerações das nossas famílias, foi muito importante, para me entender, para entender a dicotomia que vivia.

Eu não estudei em uma escola islâmica, exatamente porque estou no interior de São Paulo. E quando nós pensamos no acesso, é mais difícil para quem é muçulmano e não está em São Paulo, a cidade mais próxima. Nós não temos um açougue *halal*, por exemplo, que é a carne abatida dentro da religião muçulmana. Se você é um muçulmano que não está em São Paulo - capital, um muçulmano praticante dificilmente conseguirá comprar carne. Portanto, existem diversas limitações e isso ocorre porque a comunidade muçulmana não é majoritária no Brasil, na realidade, é bem minoritária.

A falta desses espaços é tanta que, para entender sobre a educação em uma escola islâmica, por exemplo, eu e a Aysha, nós conversamos com a Mariam Melhem porque ela estudou em São Paulo, em um colégio Libanês, muçulmano. Eu vou tentar reproduzir a perspectiva do que relatou, do que consegui entender porque eu não vivi tal experiência. É como falou, são colégios particulares que costumam ter o preço elevado porque existe a educação bilíngue, as crianças frequentam aulas de árabe e aula religiosa, o que difere das nossas escolas. A experiência que Mariam trouxe é que o fato de serem escolas de valor elevado faz com que não sejam escolas acessíveis para grande parte da comunidade muçulmana. O que ocorre com bastante frequência, é o fato de pessoas de classe social mais desfavorecida ganharem bolsas de desconto. E existe também o financiamento de mesquitas, as próprias mesquitas que doam parte do seu dinheiro para escolas para fornecerem vagas

para alunos mais pobres. No entanto, são porcentagens em maioria, não são escolas acessíveis.

E o que esse fato ocasiona se pensarmos nos resultados de um indivíduo que é inserido desde pequeno na religião islâmica. Lógico que os valores fundamentais serão passados dentro de casa, porém, o confronto com a cultura brasileira, com a religião cristã, que é a majoritária no país, faz com que essa criança tenha cada vez mais estranhamento, pois o que é normalmente ensinado dentro de casa não irá corresponder à educação que terá em outros espaços. São espaços que têm frequentemente valores e princípios educacionais que confrontam valores islâmicos.

Eu lembro quando eu estava estagiando, de um caso de uma família afegã que chegou à escola pública e havia dias em que as crianças se alimentavam apenas de arroz e feijão porque não consumiam carne de porco. Portanto, existe o confronto que vai divergir da educação que essa criança tem em casa, que será uma educação baseada nos valores islâmicos.

Por exemplo, eu que não moro em São Paulo e não tenho acesso ou as famílias mais pobres, que igualmente não irão ter acessos; para tal criança, ela vai se distanciar relativamente dos valores da comunidade, pois será educada a partir de outros valores. Nesse sentido, é uma questão extremamente complexa, como eu disse, eu não estudei em uma escola islâmica. Muitos desses relatos a Mariam narrou porque foi uma pessoa que estudou a vida inteira em escola islâmica, e quando entrou no Ensino Médio, já não tinha condições de pagar, e foi direcionada para uma escola pública.

Mariam trouxe relatos de como para ela foi um choque muito grande e queira ou não, direta ou indiretamente, existe um confronto de valores que vai de dentro do próprio indivíduo, dentro do que ele aprende na escola e em casa, tanto quanto um distanciamento relativo da própria comunidade. Estes são alguns dilemas que todos os filhos da diáspora passam, principalmente, quando você não está nos locais de compartilhamento de cultura.

Novamente, trazendo um pouco da minha experiência, hoje, como pesquisadora de Oriente Médio e me entendendo melhor nessa situação, considero que teria sido importante ter sido criada próxima à comunidade, mas com locais que acabam concentrados em cidades como São Paulo e Foz do Igua-

çu, no caso da comunidade libanesa, o acesso a tais escolas acabam limitados. É muito comum termos muçulmanos em escolas públicas ou em escolas particulares mais acessíveis.

Existem diversas questões que incluem esse fato, por exemplo, uma criança usando o *hijab*, usando o véu em uma escola islâmica e outra, uma criança de *hijab* em uma escola não islâmica. A criança vivencia esses dilemas dentro de tais espaços. No caso, eu imagino que quando vai para um espaço que é fora da zona de conforto, fora do habitual dela, se esse fato souber ser bem trabalhado é proveitoso. Nós temos uma pluralidade cultural que para a educação é extremamente importante, mas deve vir acompanhado de um processo de especialização, de formação contínua dos próprios professores porque muitos não sabem lecionar a respeito dessas questões.

É um problema que identifico nas próprias licenciaturas, e ainda fazendo a autocrítica do lugar que me formei, no qual não tive acesso a uma educação decolonial e pós-colonial como o projeto que propõem, que é exceção nas licenciaturas. Fazendo essa crítica mais ampla, era isso que tinha para comentar a respeito da questão.

Felipe: Gostaria de perguntar sobre a Carta Árabe aos Direitos Humanos e o que sugere para as universidades no sentido de auxiliar a discussão?

Karime: Por utilizar muito da teoria crítica, minha visão é permeada a partir desse prisma. Eu estagiei na secretaria dos Direitos Humanos de Niterói e trabalho especificamente no núcleo de imigrantes e refugiados. E sobre a questão da cartilha, o que a ONU traz enquanto Direitos Humanos, precisamos considerar principalmente no âmbito internacional os Direitos Humanos como uma pauta de fácil instrumentalização, principalmente, pelas potências ocidentais. O discurso dos Direitos Humanos foi convocado para justificar diversas práticas intervencionistas, militares intervencionistas, sob o argumento dos Direitos Humanos.

Acredito que precisamos analisar tal questão que é importante e dispensa comentários, mas, precisamos entender o uso político dos Direitos Humanos. No momento, não possuo nenhuma referência específica para indicar, mas essa perspectiva que eu sigo é a teoria crítica, dos autores críticos que analisam tal processo.

Quando pensamos a própria perspectiva do Sul Global, conseguimos vislumbrar com maior facilidade o quanto o discurso dos Direitos Humanos são, normalmente, somente um discurso. No Brasil, por exemplo, a cada minuto dezenas de negros são assassinados, então para quem estaria valendo a pauta dos Direitos Humanos. A questão dos imigrantes e refugiados é o que trabalho, especificamente, na Secretaria de Niterói. O aspecto dos Direitos Humanos é muito nítido. Trazendo novamente a questão do Qatar, ela só é uma pauta interessante quando é para analisar o outro, para condenar o outro e não para analisar os meus próprios problemas.

Acho que as relações internacionais como um todo, ainda tem muito que discutir sobre os Direitos Humanos, e o que é fundamental é entender como esse conceito tem sido, infelizmente, historicamente politizado para justificar diversos intervencionismos e os famosos “ismos”, como, humanitarismo e outros. Não tenho nada em mente, mas recomendo que procurem neste sentido, nesta lógica a questão da Carta dos Direitos Humanos sob a perspectiva crítica, a perspectiva que sigo.



PALESTRA 2

**CICLO DE PALESTRA
ISLAMOFOBIA:
UMA DISCUSSÃO
NECESSÁRIA**

PALESTRANTE: Zainab Chokr

DEBATEDOR: Vanessa Rodrigues
Bolsista de Iniciação Científica GEAF-CNPq

Vanessa Silva Rodrigues: Meu nome é Vanessa Rodrigues e sou bolsista de Iniciação Científica do projeto “Por uma Educação Descolonizadora/GEAF-CNPq”. A palestrante Zainab aceitou o convite para participar desta palestra para debater sobre a islamofobia. A primeira pergunta é a seguinte: na sua concepção, o termo “islamofobia” é apropriado?

Zainab Chokr: Sim, com certeza. Das perguntas apresentadas sobre o assunto, podemos começar abordando a questão da propaganda em relação à Copa do Mundo, sediada no país de Qatar. A imagem transmitida é errada em relação ao país e aos costumes.

Vanessa: Compreendemos que esse tema tem pouca visibilidade?

Zainab: Devido à popularidade em relação à Copa do Mundo, o país está ganhando visibilidade, despertando o interesse e a curiosidade das pessoas. Porém, a imagem que está sendo transmitida não é favorável. Por um acaso, eu li recentemente um periódico da revista Folha, no qual retrata como as mulheres se sentem mais seguras na Copa com as restrições de bebidas alcoólicas. Isso porque diminui os conflitos e assédios, fazendo com que elas se sintam mais seguras. Entretanto, esse fato não é divulgado.

Há comentários como: “por que não pode fazer isso?” “por que é proibido o consumo de bebidas alcoólicas?”; “por que são preconceituosos?” Mas ocorre o contrário, eles respeitam as mulheres, respeitam todas as pessoas.

Uma questão muito comentada, era de casais não poderem dar as mãos e se beijarem. Isso não é por causa da Copa, e nem por ser um casal LGBTQIA +, é porque não pode. Não presenciamos em nenhum país árabe as pessoas se beijando na rua.

Observei alguns vídeos, criaram uma montagem dizendo: “porque está cheio de gente dentro do armário, homens de mãos dadas. Olhem os homens, como andam”.

Porém, é comum os homens andarem de mãos dadas, se cumprimentarem até com um beijo, isso é rotineiro, mas você não presencia em nenhum país árabe as pessoas se beijando. Enfim, isso não acontece, e por isso que foi falado para evitar tal ato.

Em questão da segurança, como mencionei, em todos os países árabes se observa o respeito às mulheres e a todas as pessoas. Sobre a questão do assalto, não é comum, as pessoas se sentem seguras. Como exemplo, vou mencionar o Líbano, pode-se deixar o carro encostado: “vou descer aqui para pegar um negócio e deixar o carro aberto”. É comum, as pessoas fazem com frequência. Não há problema em um carro aberto, ligado com a chave. Para termos consciência de como as pessoas se sentem seguras por não haver assaltos, os indivíduos se conhecem e se respeitam. O maior pecado para nós é roubar.

Naturalmente, não estou falando que todos os aspectos são perfeitos, que nenhum indivíduo erra. Em todo lugar há pessoas que são ruins, mas estou referenciando em geral. Aqui não podemos deixar o carro aberto ou entrar em algum lugar sem fechá-lo, você certamente será roubado.

Vanessa: Problemas existem em todo lugar e em toda religião. É uma questão do indivíduo, não se relaciona nem ao lugar ou à religião em si. Portanto, tais notícias divulgadas criam estereótipos e as pessoas se baseiam fortemente neles, como se fosse a verdade absoluta sobre a religião.

Zainab: Geralmente escutamos informações negativas. É raro informações positivas. Hoje, por um acaso, eu li uma reportagem. Pensei: “Nossa! Até que enfim li algo bom, alguma imagem positiva”. Porque até então só observei imagens negativas em relação ao país, em relação à religião. Há muitos criticando.

Você me perguntou das questões de como eu vivo. Eu moro em São Paulo, sou nascida e criada. Eu sempre estudei na escola local, cursei faculdade, e sempre explicava às pessoas. Portanto, o que observo em São Paulo pela quantidade de árabes e muçulmanos que existem, considero que as pessoas já se acostumaram ao ver a mulher que usa o *hijab*.

É mais comum do que em outros lugares, por exemplo, no Rio de Janeiro. Quando fui para a cidade há uns três ou quatro anos atrás, observei que muitos me olhavam; onde passava, chamava muita atenção, as pessoas comentavam: “Nossa!”; às vezes escutava: “Está muito calor”.

Se percebe que há uma diferença porque em São Paulo com maior comunidade muçulmana na capital este fato não ocorre. Pode ocorrer, mas não com frequência. Na faculdade igualmente, as pessoas respeitavam, eu explicava sobre a religião, sobre a cultura. Eu cursei Gastronomia, muitos alimentos não podia consumir porque derivam de carne e não eram de carne *halal*. Nós só podemos ingerir carne *halal*.

Haviam receitas com álcool, proibidas para mim. Dizia: “Se houver alguma alimentação, me avisem porque eu não posso comer”. Todos respeitavam. Mesmo sobre o ato de cumprimentar. Explicava que não podia cumprimentar, porque as mulheres não cumprimentam homens.

Vanessa: Avalia que a dificuldade de entender, talvez a experiência que passou no Rio de Janeiro, possa ter relação com a constituição de estereótipos?

Zainab: Há a questão da novela, o que a mídia propaga. Pelos comentários, quando eu coloco na caixinha de perguntas do *instagram*, percebo o que aprendem sobre a cultura.

Me perguntaram certa vez. Eu pretendo fazer um vídeo sobre o comentário: “Pode casar com 7 mulheres?”, “Vocês não podem fazer isso”, “Mulher pode dirigir?”, “Mulher pode trabalhar?”. Como se a mulher muçulmana não pudesse fazer nada e precisasse ficar em casa. O que na verdade, é uma imagem equivocada.

Tal imagem não é verdadeira, as mulheres trabalham e estudam. Pelo contrário do que pensam, na nossa religião incentivamos a buscar conhecimento, a aprender, a estar bem informados sobre o que ocorre. Estudar é muito importante. Não existe isso, na época da minha avó talvez poderia acontecer. Porém, até no Brasil, a questão familiar machista com as mulheres, o fato de proibir o estudo, de mulheres não fazerem certas coisas. Este fato creio que ocorreu em todo o mundo.

Vanessa: Colocam realmente essa visão de que a religião é machista, algumas pessoas falam a respeito, mas o machismo existe em várias religiões.

Zainab: Existe em todo lugar do mundo.

Vanessa: Considero que é falta de interpretação porque o feminismo abre várias vertentes.

Zainab: Sim. A meu ver sempre foi assim, eu não vivia essa questão, não sentia o preconceito, pois sempre explicava a cultura. Percebi que frequentemente as pessoas sentem curiosidade, na faculdade sempre que começava a falar se aproximavam grandes grupos para aprender. Porque realmente não tinham informação, possuíam uma imagem equivocada sobre a religião.

Faz pouco tempo, me convidaram para realizar uma campanha de cosméticos, porém, não informaram qual era a marca, e qual era a empresa. Inicialmente estranhei, mas iria fazer. Me perguntaram, contudo, antes de fechar o contrato, se poderia tirar o *hijab*. Foi o momento que mais senti. Pensei: como tirar? Não é um acessório que podemos tirar e colocar quando quisermos, diz respeito a nossa religião. Eu considero falta de respeito, perguntar se eu posso colocar “outra coisa” ao invés do *hijab*. Como se eu colocasse um chapéu, algo assim. “Mas por que me chamaram?” Chamassem uma mulher que não usa. Por que me escolheram?”. Eu fiquei um pouco chateada. Onde está o respeito?

Vanessa: Uma experiência de intolerância que passou.

Zainab: Porque esperavam que eu aceitasse e dissesse: “tudo bem, eu quero tirar para fazer publicidade”. Para agradá-los, poderia ser positivo para a publicidade, mas não é o que é bom para mim.

Está faltando respeito com minha religião, com meus princípios. Enfim, considero que foi o momento que mais senti.

Fora de São Paulo percebo, quando estou em algum lugar mais distante. Aqui há uma população maior muçulmana. Mas no geral, na escola e na faculdade é rotineiro. No bairro onde resido ou no comércio, a quantidade é expressiva. Observamos nas ruas, muçulmanas no shopping. Portanto, aqui se tornou comum. É interessante, porque as pessoas começam a entender e a diminuir o preconceito.

Vanessa: Sobre a narrativa acerca da religião, sobre o extremismo, poderia comentar tal questão? Em muitas religiões “matam em nome de Deus”.

Zainab: Sim, há esse discurso. Mas este também é um grande problema para nós, porque é o que ajuda a causar a imagem negativa, os que são extremistas (terroristas) que cometem violência usando o nome de Deus. Por exemplo, criam um atentado segurando o alcorão, ou tirando fotos, ou seja, fazem coisas ruins e usam o nome da religião.

É totalmente inaceitável para nós, matar é o maior pecado. Fazer qualquer tipo de violência e mostrar como se fosse algo comum da religião. E não é, nós não aceitamos. Não praticamos violência, não é a nossa religião. A religião não fala para praticar violência pelo contrário. Então se constrói uma imagem negativa. “Porque eles são isso”; “Porque são terroristas”; “Porque eles aceitam esse tipo de coisa”; “Porque estava segurando o alcorão nas mãos”.

Vanessa: Avaliamos que a mídia exerce sua culpa porque dá ênfase a este fato. Não mostram outros pontos da religião.

Zainab: É o que observamos. A mídia camufla, não mostra a realidade. As questões positivas, as coisas boas. O positivo da Copa é que costumes foram visibilizados como são, para se abrir a mente em relação à religião. Está sendo comentado, há muitos jogadores que estão fazendo gestos, fazendo demonstrações, falando algumas *suratas* antes de entrar em campo.

Está sendo mostrado, e são os muçumanos que estão ganhando. E não há como camuflar porque o mundo está vendo. Há coisas que não há como camuflar, e esse fato para nós é interessante, é algo positivo, porque se fosse pela Grande Mídia não mostrariam muitas questões.

Vanessa: Como colocou, como brasileira que vive em São Paulo e há população muçulmana em quantidade expressiva. Existe uma escola para muçumanos, correto? Mas dizem que tal escola possui um valor elevado.

Zainab: Não sei dizer exatamente. Eu estudei em uma escola islâmica e não existia tal escola ainda. Eu estudei em uma escola na Vila Carrão. Estudei três anos, já estudei no Líbano quando era criança, mas a maior parte do tempo morávamos no Brasil. Só íamos para o Líbano para visitar, uma vez por ano, porque a família dos meus pais reside no Líbano. Meus pais são libaneses.

A maior parte do tempo estudei aqui no Brasil, estudei três anos nessa escola e na época, eu não lembro se era um valor acessível. Era comum em outras escolas e atualmente há uma outra escola islâmica, da nossa comunidade. Não sei dizer exatamente se é acessível ou não.

Mas a maior parte da comunidade frequenta essa escola, meu sobrinho estuda nessa instituição. É positivo porque estimula bastante as crianças a aprenderem. Ensinam árabe, ensinam a religião, eu acho que em menos de um mês meu sobrinho já tinha aprendido bastante. O ambiente muda, porque todos são muçulmanos, então é diferente de uma escola não muçulmana. Nada contra outras escolas religiosas confessionais, como a escola católica etc.

Vanessa: Eu considerava que fosse difícil viver como muçulmano no Brasil, mas não, é algo que pode ser habitual?

Zainab: Avalio que depende. Observo muitas mulheres relatando que no mercado de trabalho é difícil, em muitos lugares acabam não nos aceitando. Frequentemente você não é aceita e não falam o verdadeiro motivo, porém, é por causa do *hijab*, por não desejarem uma mulher trabalhando com a vestimenta. Quando entrei na faculdade tive receio dessa questão, primeiramente fiz Pedagogia por um ano e alguns meses. Queria fazer Gastronomia, mas tinha receio de permanecer de *hijab* na cozinha, de conseguir um bom trabalho devido ao preconceito.

Eu fiz um ano e meio e desisti. Eu tinha isso em mente, queria fazer Gastronomia. Então, mudei de curso. Eu já trabalhei fora, consegui trabalhar em um bom restaurante, mas não é todo mundo que consegue. Eu tive outros lugares que me chamaram para entrevistar, passava na primeira fase, depois inventavam uma desculpa, comunicavam “não foi dessa vez”, que iriam me confirmar e nunca mais tinha contato. E então, já entende que não querem por algum motivo. Você pensa: “Mas, por que, se eu passei no teste?” É porque avaliam não só pela sua competência.

Vanessa: Há um ouvinte que está perguntando: “como as universidades brasileiras podem auxiliar nessa questão, sobre a islamofobia?”.

Zainab: Tenho uma seguidora¹ que relatou que meu conteúdo a tem ajudado. Seus alunos creio que não estão no Ensino Médio, são crianças, mas relatou que com a Copa do Mundo muitas dúvidas surgiram e estão despertando curiosidade na turma. Comentou que o conteúdo da página tem auxiliado em relação ao que está ensinando.

Eu considero muito relevante. Escolas ou universidades podem abordar tais assuntos, debater a importância do respeito. Não sei se ainda existe nas escolas, aulas de religião, mas acho que poderiam abordar ou fazer uma disciplina. Se houver disciplina, incluir algum conteúdo desse tipo. Podemos falar sempre sobre a religião, não só da religião muçulmana, de um modo geral. Considero que ajudaria na questão do respeito, na questão da intolerância. Entender a diferença das religiões, para quando uma criança ou até um adulto interagir nas ruas, não dizer falas preconceituosas ou ser intolerante. Enfim, avalio que seria importante.

Vanessa: Sim, o estado é laico. Porém, geralmente, na educação religiosa apenas se debate o cristianismo.

Zainab: Sim, era o que aprendíamos. Deveriam incluir outras religiões, falar de modo geral, de várias. Eu avalio que para entenderem as diferenças e os costumes é relevante. Quando eu me graduei em Gastronomia, tive culinária árabe e nessa matéria havia bastante conteúdo sobre a religião. Eu achei muito relevante devido a questão do abate *halal*, como se é feito, a questão do álcool, já que os islâmicos não podem. Achei muito importante ser explicado. Na nossa disciplina, os colegas já sabiam, porque eu havia ensinado, mas quem não sabia ficou conhecendo, até mesmo, outras turmas.

Vanessa: Você tem alguma referência que gostaria de indicar para expandir a questão?

Zainab: Tem alguns perfis que posso indicar que abordam a religião. Existe um perfil em que há muitos livros, há um acervo de livros sobre a religião, chama-se *Arresala*. Porta livros de todos os assuntos, de forma fácil de entender. Frequentemente postam conteúdos sobre a religião, ensinamentos, dizeres. Quem tiver curiosidade ou interesse em comprar algum livro para

¹ Zainab Chokr é coordenadora de uma influente rede social sobre a religião e cultura islâmica.

aprender. Há o perfil, “O Islamismo”, que informa bastante. O coordenador estuda teologia em Londres e passa bastante conteúdo. Considero que são páginas/perfis bons para seguir. Recentemente, eu produzi um vídeo com ele sobre a questão do álcool.

Vanessa: Sim, assistimos. Há mais alguma questão que você queira expor ou falar?

Zainab: Creio que não.

Zainab: Espero que tenham gostado da conversa. Eu adorei participar, obrigada pelo convite.

Vanessa: Só mais uma última pergunta que apareceu entre os ouvintes: “Como você avalia a questão sobre Israel e Palestina?”.

Zainab: Em que sentido?

Vanessa: No sentido da guerra entre os dois.

Zainab: A imagem é totalmente equivocada em relação à Israel e à Palestina. A Palestina é um povo que já sofreu muito por causa do que tem acontecido durante todos estes anos de guerra, por serem invadidos e humilhados e por matarem o povo. Tudo que já viveram, tudo o que já aconteceu, não é mostrado, não passa na mídia.

Na realidade, sempre é mostrado o lado de Israel com cunho heróico, ou os vitimizandos, como se o nosso povo cometesse a invasão e provocação, ou retratado como aqueles que iniciam a guerra, mas não é bem assim. E o que dói, é que a verdade não é mostrada.

Porque quando acontece alguma coisa, algum bombardeio, ou quando tem algum atentado não é mostrado. Temos assinatura de canal árabe e vemos tudo o que acontece. E aqui, às vezes, eles mostram uma nota. As questões são faladas bem por cima, de maneira superficial, e vemos tudo o que realmente está acontecendo o tempo todo. Isso entristece, porque as pessoas não sabem, não tem noção, sempre pensam que o povo de Israel são as vítimas e a Palestina, os vilões, e não o inverso.

Vanessa: Nossa página já falou sobre a Emily Jacir, ela traz um pouco dessa questão. Ela é cineasta e artista, traz esses questionamentos nas suas obras. E também apresentamos a famosa dança *Dabke*.

Zainab: Em relação à dança, é algo cultural do Líbano, da Palestina e da Síria. Não há festa de casamento que não tenha. Na entrada da noiva sempre fazem. Em eventos, é para comemorar datas importantes, principalmente, em tais festas. Outra curiosidade, é que no Líbano há uma maneira de dançar a *Dabke*, mas muda a forma de dançar de cidade para cidade e de país para país.

Vanessa: Agradecemos por ter aceitado o nosso convite. Esta palestra está disponível no *instagram* e no *youtube*.

Zainab: Obrigada por terem me convidado, espero ter esclarecido os temas.



PALESTRA 3

**CICLO DE PALESTRA
ISLAMOFOBIA:
UMA DISCUSSÃO
NECESSÁRIA**

PALESTRANTE: Mariam Baydoun

DEBATEDORA: Vanessa Rodrigues
Bolsista de Iniciação Científica GEAF-CNPq

Vanessa Rodrigues: Esta é a última palestrante do Ciclo de Palestra cujo tema é islamofobia. O motivo da discussão sobre a islamofobia consiste no fato de, apesar de ser um preconceito, ele é pouco discutido nas mídias e centros acadêmicos. É muito importante levantarmos tal discussão. Por esse motivo o nome do seminário, “Islamofobia uma discussão necessária”.

É comum a mídia abordar outros preconceitos, entretanto, este é pouco evidenciado. Apesar da Copa ocorrer em um país islâmico, a discussão é pouco debatida na universidade ou na mídia.

Mariam: Exatamente. A discussão sobre o Islã é velada. Quando se fala de Islã, se tem a impressão de ser algo “terrorista” ou que há alguma relação com a violência, o que é totalmente o oposto do que realmente o Islã prega. Essas são, infelizmente, as imagens que as pessoas adquirem sobre o Islã. Isto vai ser difícil acabar e vai demorar para que os muçulmanos possam mudar tal imagem, embora já esteja melhorando. Com a presença mais acentuada de muçulmanos, se auxilia na mudança do ponto de vista do público em relação ao Islã.

Vanessa: Irei fazer algumas perguntas para podermos conduzir nossa discussão. A primeira é: “Como você avalia o discurso da mídia sobre a Copa e a cultura árabe?”.

Mariam: Existem vários tipos de discursos. Existiu discursos positivos, assim como negativos em volta da questão da Copa ser sediada no Qatar. Primeiro, porque o Qatar é um país islâmico e não existem exceções, lá a regra é a lei islâmica e mesmo havendo um campeonato mundial, isso não mudou.

Dessa forma, como muçulmana, concordo com as regras que havia e que permaneceram, mesmo com a Copa sendo um evento mundialmente conhecido por todos os tipos de culturas, mas a cultura do país é esta. Foi aceito sediarmos a Copa no Qatar, então não há o que se discutir.

Assisti a vários canais de televisão no qual falavam muito bem, e outros queriam pontuar fatos problemáticos como a bebida alcoólica, por exemplo. Além disso, muitas pessoas achavam que as mulheres não poderiam frequentar os estádios, mas perceberam que não é bem assim.

Vanessa: Poderia falar um pouco sobre a obrigatoriedade de usar o *hijab*?

Mariam: No Qatar não há obrigatoriedade. As pessoas usam por respeito ao país, em alguns pontos. No Qatar, a mulher não tem a obrigatoriedade de usar o *hijab*, todavia é necessário estar vestida adequadamente e discretamente.

Vanessa: As bebidas alcoólicas são proibidas?

Mariam: A bebida alcoólica em público é proibida no país. Existem alguns hotéis internacionais e alguns espaços bem exclusivos em que é permitido o consumo de bebida alcoólica, mas no modo geral ela é proibida.

Nesse sentido, não foi por consequência da Copa do Mundo. Ela é proibida porque não faz parte dos costumes islâmicos. É proibido para a religião, é como se rege a lei islâmica, portanto, não é permitido, independente da pessoa ser muçulmana ou não.

Particularmente, nunca passei por uma situação de preconceito na qual me levasse ao questionamento, mas conheço muitas muçulmanas que continuamente estão sofrendo ataques e preconceitos em relação ao uso do *hijab*. Houve apenas uma situação, que ocorreu comigo no shopping, onde eu estava acompanhada de minha filha, duas crianças queriam tirar o meu *hijab*. Eles falaram:

- “Vou puxar seu *hijab*! Vou puxar seu lenço!” Mas eram crianças, então não levamos em consideração.

Contudo, de pessoas estudadas o ataque vem geralmente em forma de perguntas.

Vanessa: Como você vive o islamismo no Brasil? A convidada anterior explicou que apesar de não parecer, há muitos islâmicos no país, principalmente em São Paulo, o que difere do Rio de Janeiro. Dessa maneira, gostaria de saber como você vive sua religião no país?

Mariam: Só fui reconhecida como muçulmana aos 27 anos de idade. Porém, a minha origem árabe já era notável, devido às características do meu rosto, como meu nariz, por exemplo. Por isso, já identificavam a minha origem.

Apesar de ser brasileira, meu pai é libanês, por conta disto, tenho origem árabe.

No entanto, somente quando comecei a fazer uso do *hijab*, há 12 anos, que experienciei ser identificada como muçulmana. Atualmente, tenho 39 anos e nunca foi fácil. Ainda há um preconceito muito grande, apesar da curiosidade de ser normal. As pessoas perguntam: “Por que você usa *hijab*?”, “Por que a mulher precisa se cobrir?”, “Por que cobrir o cabelo ou se o cabelo é sagrado”.

Estas perguntas curiosas não há nenhum problema. A questão é quando começam a associar a religião com atos que não possuem relação com o Islã, devido às informações transmitidas pela mídia e as redes sociais; e esse é o objetivo deste trabalho.

Partindo das pessoas que são adultas e estudadas, que possuem maior acesso à informação, não sofremos ataques desse tipo. Sofremos com perguntas: “Como é que você aguenta?”; “Você não sente calor?”; “Por que você ainda vive o islamismo nessa época?”

Vivemos no século XXI e ainda há pessoas que não conseguem entender o porquê de seguirmos a religião islâmica. Acham que a mulher não pode trabalhar, não pode fazer nada. Isso não é culpa da população em geral, e sim do que é passado para elas. Culturalmente, existiam tradições antigas, e não só no Oriente Médio, na qual a mulher era oprimida pelo homem, proibida de estudar e realizar atividades. Isto não é o islã, são questões antigas que existiu em todo o mundo e não necessariamente só no Oriente Médio.

Vanessa: Acho que retrata mais o machismo do que a religião.

Mariam: Exatamente. Como no Islã a vestimenta da mulher é mais recatada e as mulheres possuem práticas mais aparentes do que as do homem, acham que a mulher é oprimida por isso. Na verdade, tanto o homem quanto a mulher têm as mesmas obrigações religiosas. Nenhum tem mais, nem menos do que o outro. A diferença é que a vestimenta é feminina e não masculina. É uma vestimenta feita para mulher. O homem não usa *hijab*, ele deve usar a roupa para cobrir o corpo, usar o short abaixo do joelho. Existem outros tipos de regras na vestimenta para o homem. No caso da mulher inclui o cabelo.

Vanessa: A mulher usa a vestimenta, porque ela escolheu essa religião. Assim como outras religiões também têm os seus rituais.

Mariam: O *hijab* é uma vestimenta religiosa, contudo não é uma exclusividade do Islã. Maria, a mãe de Jesus usava. Por qual motivo Maria usava o *hijab*? Por que Maria usava toda aquela túnica, aquela vestimenta fechada? Porque era por Deus. Era uma fé, era uma ordem de Deus para que a mulher fosse recatada, logo, a mulher ser modesta é uma ordem de Deus em muitas religiões.

Nesse contexto, a única diferença é que algumas religiões restringem isso mais aos templos religiosos. Só que as muçulmanas não, as muçulmanas têm isso como filosofia, como rotina, faz parte da vida dela, portanto, a vestimenta religiosa não serve só para os templos religiosos, pois Deus não está somente dentro do templo, ou seja, Deus está em todos os lugares. A sua prática religiosa é para todos os momentos, não necessariamente só para aquele momento da adoração. Não é para adorar a Deus somente naquelas cinco orações que fazemos diariamente. A adoração é o tempo todo.

Vanessa: E isso reflete o feminismo. O feminismo é a escolha da mulher ser respeitada. Ela tem a liberdade de escolha. Ao mesmo tempo que ela tem a liberdade de escolher não ser recatada, ela também tem a liberdade de escolher ser recatada.

Mariam: Nesse caso, temos um assunto um pouco paralelo à religião, é um assunto que já é mais da convivência em sociedade. É sobre as pessoas respeitarem a escolha do próximo. Já a religião é muito entre você e Deus. O que você faz ou deixa de fazer dentro da sua religião envolve você e Deus, certo? Eu, por exemplo, uso *hijab*. Não estou usando para você, não estou usando *hijab* para ninguém. Estou usando o *hijab* para mim.

Desse modo, se eu faço uma oração, não é nem para Deus. Deus não precisa de nós, nós precisamos dele. As orações são nossas, a religião é nossa, a vestimenta recatada é nossa. É uma ordem que ele colocou ali, como um manual. Falamos que o *alcorão* é um manual de comportamento. O *alcorão* está ali, todos os mandamentos estão. Assim como a bíblia, por exemplo. Todos os mandamentos estão ali. Você pode seguir ou não seguir, porque tem o livre arbítrio. Só que temos que entender que o livre arbítrio não significa que

se está certo. Escolher praticar o livre arbítrio não significa que estará certo, contudo, temos o direito a ele.

Vanessa: Existe um estereótipo árabe? A mídia impõe um perfil?

Mariam: As pessoas colocam. Eu recebo mensagens no Instagram:

- Estou conhecendo um paquistanês, um turco ou um árabe. Será que eu me caso? Na verdade, o fato de ele ser mulçumano, não significa que é uma pessoa boa, a não ser, se ele for um verdadeiro muçulmano, consequentemente ele será uma pessoa boa.

Vanessa: Você acredita que dependendo de determinadas regiões, de países e cidades, o nível de preconceito pode aumentar ou diminuir?

Mariam: Sofro menos preconceito na capital de São Paulo, onde existem mais muçulmanos do que no interior. Ou seja, me sinto muito mais exposta em São Paulo, onde as pessoas têm mais contato com as pessoas muçulmanas, do que no interior. Diante disso, dependendo do lugar que você está, se for uma cidade muito pequena, tem menos conhecimento. Portanto, há sim diferença nas regiões.

Vanessa: Existe uma diferença de vertentes. Os *Xiitas* e *Sunitas*, poderia explicar?

Mariam: Sim, existe diferença. O Islã tem duas vertentes, e dentro delas existem pensamentos diferentes. Ainda assim, de modo geral, não há muita diferença. Nesse sentido, as práticas pilares são as mesmas, não muda a prática religiosa, o que muda são alguns pensamentos, por exemplo, quem seria o sucessor do profeta, para os *Sunitas* seria outro sucessor do profeta, diferente dos *Xiitas*. É esse pensamento que diferencia uma vertente da outra. É nesse sentido, não no sentido da prática. A prática em si é igual.

Vanessa: O termo “islamofobia”, acredita que seja adequado para nomear o preconceito contra os islâmicos?

Mariam: Não vejo problema. Tem pessoas que têm realmente fobia contra muçulmanos. Eu tenho um comércio, por isso, tenho contato com pessoas do mundo inteiro. Daí, uma vez uma senhora perguntou para uma das funcionárias da loja: “Você não tem medo de trabalhar com ela? “Você

não tem medo de trabalhar aqui?” Portanto, é uma sensação de medo que as pessoas expõem, um receio dos muçulmanos, por conta do que é transmitido pela mídia. É um fato, contudo está melhorando, porém vai demorar para que alcance um nível de se andar na rua sem mais ninguém perguntar nada.

Vanessa: Acredito que com a Copa muitos passaram a refletir sobre esse assunto.

Mariam: Mesmo com o lado negativo. Existe um lado positivo sobre isso. Agora as pessoas acham que todo muçulmano é Qatarense. Todo muçulmano na rua é apontado como sendo do Qatar. As pessoas fixam-se em uma questão.

Eu não trocaria a minha religião por nada. Porque eu a conheço. Muitas vezes as pessoas falam que são evangélicos, são católicos, porém, não tem o conhecimento da própria religião. Você pergunta sobre a religião da pessoa e ela diz que não tem tal conhecimento. O muçulmano tem a obrigatoriedade de saber a respeito de sua religião. Ninguém é perfeito, nós vivemos em construção e dizemos que o Islã é prática. O Islã é o cotidiano. O Islã é quando você entra em um lugar, o jeito que você se comporta, como você está conversando com alguém. Não é só orar e jejuar.

A religião não é só usar a roupa. Posso estar usando toda vestimenta, aparentando ser uma pessoa religiosa, mas por dentro só Deus sabe o que somos, o que pensamos, o que vivemos, o que passa em nossa mente. Posso romantizar a religião como se fosse a melhor coisa do mundo, mas por dentro quem sabe é Deus. É muito fácil falar que o Islã é lindo e uma religião de misericórdia. A totalidade não convém, se a pessoa não estiver sendo fiel a ela mesma.

Mencionamos que o Islã, assim como qualquer outra religião, possui pecados que são permitidos. O Islã é inclusão. No alcorão fala do Torá e do Evangelho. Quando Deus coloca os livros celestiais dentro do livro sagrado significa que todos nós somos irmãos. Assim como existem pessoas que não tem religião, não preciso concordar com elas, mas devo respeitar. Não preciso concordar para ser incluída. Ou seja, não concordo, mas te respeito.

Vanessa: Você já sofreu alguma crítica relacionada a sua religião por ser ativa nas redes sociais? Por estar exposta de alguma forma?

Mariam: Não, graças a Deus nunca sofri. Porque eu sei me colocar e respeitar as regras dentro da minha religião. Muito pelo contrário, recebi felicitações. Os líderes religiosos que me seguem, adoram. Me parabenizam e ajudam imensamente. Eu tenho um Centro Islâmico em São Paulo que há um arsenal de livros. Eles me enviam livros e ajudam.

Vanessa: É importante, pois as pessoas adquirem conhecimento e comecem a entender mais profundamente.

Mariam: Consideram importante o que eu faço. Acharam relevante quando iniciei porque dentro das redes sociais há muitas muçulmanas. Hoje existem muitas meninas conhecidas dentro do meio Islâmico que falam sobre o Islã. E o interessante é que houve outra muçulmana, da outra vertente islâmica, a qual as pessoas viram a diferença entre uma e a outra, pois a maioria é *Sunita*. Eu e a Zainab, que você entrevistou, somos *Xiita*. Então, isso também fez com que as pessoas entendessem a diferença entre as vertentes porque achavam que as vertentes discordavam. E não existe isso. Quem traz divergências e inimizades são as demais pessoas.

Vanessa: Como você sugeriria o Islamismo nas escolas?

Mariam: Tenho três filhos, já fiz palestras nas escolas deles em várias classes e de idades diferentes. Sugiro que seria maravilhoso que as universidades e principalmente a escola nos ensinamentos Fundamental e Médio incluíssem ensinamentos culturais de outros países. Não necessariamente apenas dos muçulmanos.

O Brasil é um país diversificado, com muitas culturas e etnias distintas. Avalio que as escolas deveriam ter como parte das aulas, e não apenas no livro de história, aulas culturais com participação de pessoas de culturas e religiões diferentes, a fim de discutir sobre a diferença de uma pessoa com formas de viver distintas das outras. Considero que seria ideal nas escolas aqui no Brasil.

Vanessa: Você tem amigos evangélicos?

Mariam: Sim, moro no Brasil. Na cidade onde moro a grande maioria é evangélica.

Vanessa: Gostaria de deixar alguma mensagem?

Mariam: A única coisa que digo quando finalizo é para as pessoas lerem e adquirirem conhecimento. Se você não tem domínio sobre um assunto, pergunte para quem tem, vá direto à fonte. Não procure em qualquer fonte. Não acredite em tudo o que é transmitido pela televisão. Infelizmente, nos últimos tempos ocorreram situações que sujaram a imagem do Islã por alguns países, por exemplo, o Irã. : Não irei mencionar esse assunto aqui, no entanto, sobre o caso relativo aquela moça, ocorreram muitas inverdades. Passaram muita informação a favor de países que também não irei me referir. Por essa razão, perguntem! Pesquisem na fonte diretamente.

Tudo o que coloco no *instagram*, se eu tenho dúvida dentro da minha própria religião, não falo antes de confirmar todas as informações. Há pessoas que perguntam questões que não tenho respostas, nesse caso, não respondo. Pesquiso na fonte para ver qual é a origem da história, qual a origem da notícia, por que estão falando isso? Devido ao fato de envolver a minha religião e o que sigo. Até que eu tenha certeza, só respondo sobre o que tenho domínio. Acaba sendo hipocrisia de certos perfis falarem sobre assuntos que eles viram na TV, quando eles estão na internet falando para não fazer o mesmo.

Vanessa: Excelente conteúdo para discussão. Na live anterior foi apontada a questão da alimentação em colégios públicos em regime integral. Tem alguma experiência sobre o assunto?

Mariam: Sim. A escola onde meus filhos estudam é uma escola católica, há nutricionista e os cardápios do que se alimentam. A escola nos deixa à vontade para restringir a alimentação e colocar o que seu filho pode ou não comer. Todavia, infelizmente na prática eu não vi isso. Eles acabam não comendo nada, porque entre todas as alimentações, sempre há algo que eles não podem comer. Foi muito fácil na hora de fazer a matrícula, mas na prática em relação à alimentação não aconteceu como proposto. Entretanto, existem escolas que esse costume acontece.

Eu já coloquei meus filhos em escolas qual adverti: “eles não comem carne de porco e nem carne que não for abate islâmico”. Não comemos carne fora de casa, porque não é abate islâmico, só se o estabelecimento oferecer esse abate. Para o frango, para a carne de boi, só comemos o abate islâmico. Essas escolas não são obrigadas a comprar o abate islâmico. Eles incluem pelo menos o queijo, os legumes, os peixes, alimentos que se pode ingerir.

No entanto, existem escolas que sim, eles respeitam, pois independente de ser muçulmana ou não, existem pessoas alérgicas. Há sujeitos que têm alergia à carne, ao frango, ao peixe. Por isso, as escolas quando querem oferecer a merenda, eles precisam incluir todas as possibilidades. Há pessoas com problemas de lactose, com diabetes. Em tal caso, se a escola oferece a possibilidade da merenda, tem que incluir todos esses fatores no cardápio.

Vanessa: Assim como há os veganos e os vegetarianos.

Mariam: Antigamente quando eu entrava nos restaurantes eu falava assim: eu não como carne, não como carne de porco. Hoje eu falo apenas que sou vegana. As pessoas trazem tudo que é vegano. Muito mais fácil e mais prático. Quando não é vegano, é vegetariano ou peixe.

Vanessa: Até os veganos e os vegetarianos questionam.

Mariam: E para não precisar ficar explicando, para ir direto ao ponto, falo que sou alérgica à álcool, que não posso consumir. Eles então conferem e veem os alimentos sem nenhum tipo de acesso à álcool. Muito mais fácil e não preciso explicar muito.

Vanessa: Como se chama o abate islâmico?

Mariam: Se chama *halal*. O abate islâmico é feito de uma forma que não haja sofrimento ao animal. Deus permitiu que alguns animais pudessem ser usados como alimentos, entretanto, isso não significa que você não deve respeitar o animal durante o abate para que não haja sofrimento e que a carne se torne saudável.

Portanto, é feito um corte, além do ritual islâmico que deve ser feito virado à *Meca*, é realizado um corte com uma faca bem afiada direto na jugular para que o animal morra imediatamente. Um único corte, o animal é colocado de ponta a cabeça para que ele sangre totalmente.

Além do ritual islâmico que deve existir. Não podemos quebrar o pescoço da galinha, temos que fazer o corte. Logo, existem um conjunto de 15 regras, como por exemplo, o frigorífico onde é feito o abate deve ser higienizado, os funcionários não podem estar sofrendo nenhum tipo de abuso, não pode haver trabalho escravo. Existem regras para que haja um *abate halal*.

Desse modo, há produtos que não são de origem animal e vem escrito *halal*, pois o local onde foram produzidos tais produtos respeitam as ordens islâmicas. Sem sofrimento, sem abuso, o dinheiro também deve ser lícito. É realizado um processo para saber de onde a pessoa que abriu o frigorífico conseguiu dinheiro. Assim, se pergunta: “É lícito?” Pois se for um dinheiro roubado, não é mais *halal*. Assim sendo, existem regras para se tornar um *abate halal*. Diante disso, damos graças a pessoas como vocês que querem aprender sobre a nossa cultura e passar em diante.

Vanessa: Você vive em São Paulo, correto? É muito interessante trazer essa discussão para as universidades, principalmente na formação de professores.

Mariam: Eu sempre me disponibilizo. Podem me chamar. Não vejo problema, pois os jovens de hoje precisam de mais conhecimento. Porque quem é mais velho, já está bem, mas são os jovens que irão levar para a frente. Quando vou colocar meus filhos na escola, eu sempre ofereço a palestra para que as pessoas saibam lidar com as crianças, portanto, sempre ofereço palestras para instituições de ensino.

Vanessa: A *live* ficará salva e iremos disponibilizar no Youtube.

Mariam: Quando vocês precisarem é só chamar, estou disposta. Quando é pra falar do Islã, desmistificar qualquer questão e para defender aquilo que eu acredito, estarei sempre aqui. Não é um assunto complicado. Não é uma religião alheia à realidade. É a mesma coisa que qualquer outra religião. A diferença é que praticamos no nosso cotidiano. Eu falo que não levamos isso só para os templos, mas sim praticamos em qualquer lugar, tanto que não temos obrigatoriedade nenhuma de ter uma mesquita onde moramos para poder praticar a religião. Você pode praticar a sua religião onde quiser.

Vanessa: Esses conteúdos são muito importantes, exatamente para as pessoas conhecerem a religião. Até porque é rica de culturas, de detalhes e

acaba se perdendo pelos estereótipos criados. Como qualquer outro tipo de cultura e de religião acabam sendo mitificadas devido a preconceitos.

Mariam: Uma hora de palestra é só um resumo, alguns pontos do que vivemos. Mas o que as pessoas muçulmanas veem, o que elas assistem, o que elas leem com poucas horas não dá para falar muito.

Vanessa: Quanto mais eu pesquiso sobre a religião islâmica, mais aspectos eu vou encontrando.

Mariam: Por que oramos 5 vezes ao dia? Por que fazemos jejum uma vez por ano? Por que precisa ter a caridade? Por que precisa fazer a peregrinação à Meca uma vez na vida? Tudo tem um porquê. Não são práticas feitas apenas porque estão ali. Tudo precisa ter uma explicação. Deus deixou claro o porquê de cada prática religiosa. É muito fácil responder a um filho assim:

- Mamãe, por que temos que rezar 5 vezes ao dia? - Porque Deus mandou.

Então, tudo precisa ser explicado, falado, colocado em prática para que as pessoas entendam, porque se você não colocar em prática não vai entender porque está fazendo. Logo, tudo isso é muito importante, em qualquer religião é assim, entretanto, eu falo do Islã porque no caso é a minha religião. Tudo no Islã tem um porquê.

Tudo o que o muçumano faz é pensando na religião, pensando em Deus. Por exemplo, se vamos comer, falamos a Deus. Se vemos uma criança que acabou de nascer, sempre proferimos: “*yarhamuk allah*” que significa “Deus proteja”. Sempre é dessa forma. Sempre Deus está no nosso dialeto o dia inteiro.

Vanessa: Um dos ouvintes perguntou se poderia falar sobre a Peregrinação? Acaba que as pessoas levantam outras discussões. Até para podermos perceber, e ter uma ideia de como as pessoas têm curiosidade em saber.

Mariam: Eu sempre estou falando sobre vários assuntos. No *instagram* há muitos temas. Eu acho que um dos destaques fala sobre a peregrinação também, mas qualquer dúvida manda uma mensagem no direct que respondo você, ouvinte, sobre tal pergunta. No *instagram* podemos trazer pautas diferentes.

Vanessa: um dos ouvintes relatou que sofre com a islamofobia dentro da família.

Mariam: Infelizmente ocorre por falta de informação. O que eu aconselho como muçulmana: não imponha a sua crença ao outro. Não perca tempo. E tente na prática, no cotidiano, do seu comportamento mostrar o que é o Islã. Não discuta com familiares. Não sei quem te violenta, porém, não discuta. Em algum momento tal pessoa vai entender o que é ser uma boa muçulmana. Logo, isso é o que aconselho.

Mariam lê o comentário de uma ouvinte: o que faço com minha família que não entende a religião? O que eu faço para que minha família entenda que eu quero ser muçulmana?

Mariam: Não faça nada. Pratique a sua religião. Está convicta disso? Acredita no que você está seguindo? Siga a sua religião na prática e no cotidiano mostrará para essas pessoas o que é ser uma muçulmana. O mundo é preconceituoso sobre qualquer coisa. Atualmente muitas questões viraram motivo de preconceitos. Qualquer coisa que disser é preconceito. Se não sabe se comunicar com uma pessoa, ela acha que está sendo preconceituoso. Portanto, é comum estas visões. Não sei se as pessoas estão educadas, exageradas ou é militância demais. Não sei o que acontece hoje no mundo.

Vanessa: Foi perguntado também se o seu marido dá palestras?

Mariam: Não. Eu sou brasileira nascida no Paraná, meu pai é libanês, minha mãe é brasileira de pai libanês com mãe brasileira, minha avó era católica apostólica romana, então, tenho diversidade dentro da família. E meu marido veio para o Brasil há pouco mais de 20 anos para trabalhar, pois há 20 anos estamos juntos. Ele é amigo de uma parente e nos conhecemos dessa forma.

Vanessa: Acho que conseguimos alcançar nosso objetivo nesta discussão.

Mariam: Eu quero agradecer o convite. Nós marcamos uma outra conversa sobre outros temas. Estamos juntos sempre.

Vanessa: Muito obrigada por ter aceitado o convite. Recomendamos o *Instagram* da Mariam para aprofundarmos sobre a cultura islâmica nas redes digitais. Esta palestra estará disponível no Instagram e no YouTube.



www.terried.com 

[@editora_terried](https://www.facebook.com/terried) 

[/editoraterried](https://www.instagram.com/terried) 

contato@terried.com 



TERRIED